

Sèvres: A Incansável Busca da Perfeição

Dois séculos de fino artesanato permitem aos famosos fabricantes de porcelana da França manterem padrões de qualidade insuperáveis para o velho e o novo

WILLIAM BYRON

QUANDO ANTOINE d'Albis foi trabalhar na Fábrica Nacional de Porcelana em Sèvres, em 1967, era como se estivesse indo para casa; pois êsse jovem de Limoges, que é hoje chefe de produção da mais famosa fábrica de porcelana do mundo, remonta sua linhagem profissional a 1788, quando um seu tio-trisavô foi contratado para lá como decorador.

Desde então, não se passou nenhuma geração sem que um membro da família estivesse na fôlha de

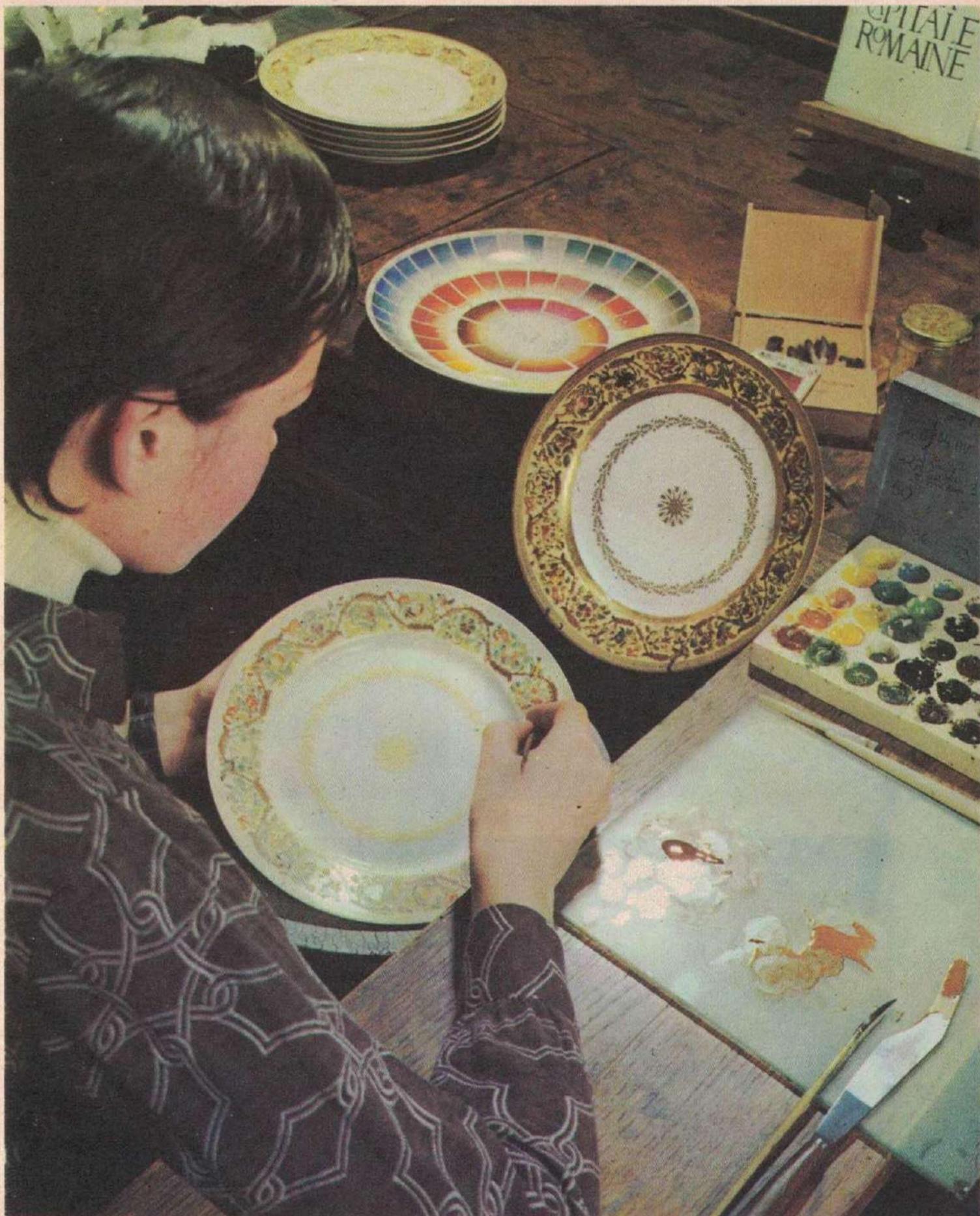


A Marquesa de Pompadour como Deusa da Amizade (segundo Falconet). Porcelana não vidrada de Sèvres — século XVIII. National Museum of Ceramics

FOTOS: SRD/H. PIERREHUMBERT

pagamento de Sèvres. — O talentoso clã d'Albis simboliza a espantosa continuidade que perpetua a tradição e a perícia em Sèvres. De fato, muitas das 170 pessoas que trabalham hoje na fábrica são de uma segunda e terceira geração de empregados. “Estar em Sèvres”, observa o diretor Serge Gauthier, “é realmente estar metade no século XVIII e metade no século XX.”

Desde que Luís XV a fundou, Sèvres representa a perfeição. Ela tem sido vitrina do talento e ele-



Um desenhista da fábrica ornamenta à mão um prato destinado ao Presidente do Senado do Palácio de Luxemburgo

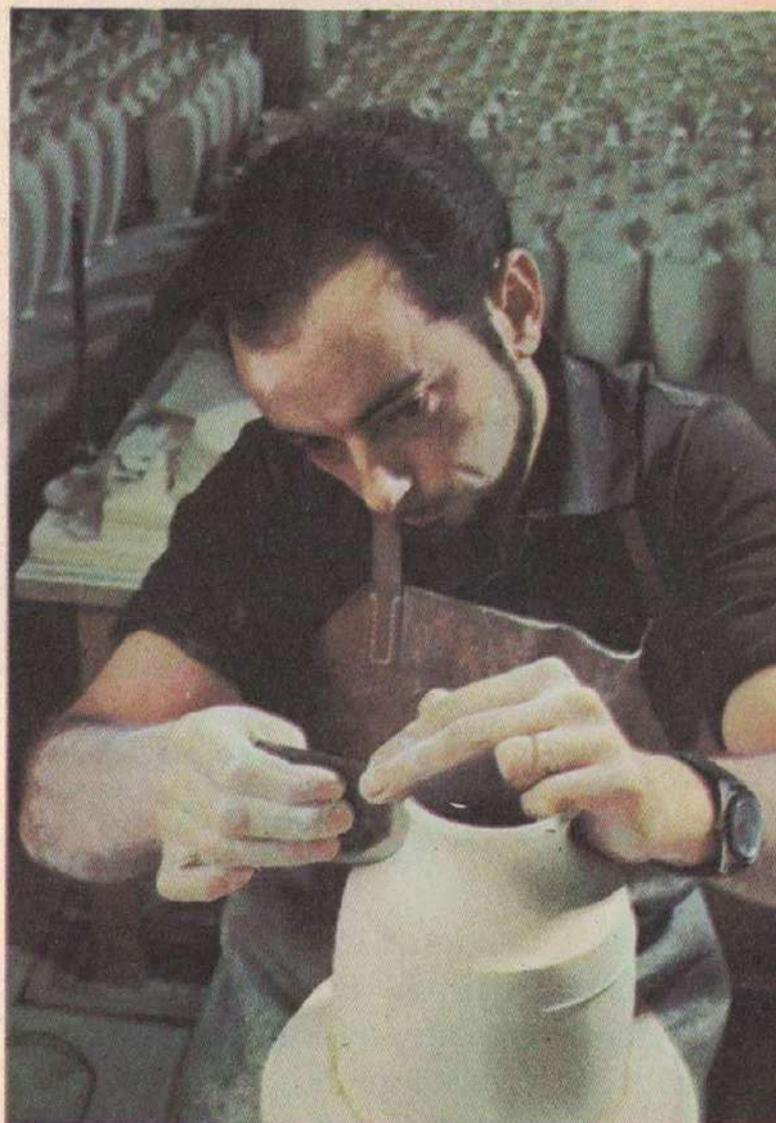


(À esquerda) Polimento de um prato feito à mão. Serviço dos "pássaros" destinado ao Presidente da República no Palácio Elysée. (À direita) Peças do serviço da Imperatriz Catarina II. Porcelana de Sèvres—século XVIII (National Museum of Ceramics). (Embaixo) Frances Frank, artista americana, desenhando algumas peças únicas na Manufatura





(Em cima) Três pratos de Sèvres, mostrando a evolução do estilo da Manufatura nos últimos 15 anos. Da esquerda para a direita: a—Serviço desenhado por Subes em 1947 e oferecido à Rainha Elizabeth II da Grã-Bretanha, então herdeira do trono; b—Serviço exposto na Exposição Universal de Montreal de 1967, desenhado por Georges Mathieu; c—Prato contemporâneo desenhado por E. Hajdu. (Embaixo) Essa artesã ocupa-se em cortar um rendilhado num aparelho reticulado (À direita) Um torneiro da Manufatura trabalhando num vaso



gância franceses. Colecionadores estão sempre em busca de remanescentes de aparelhos históricos, como, por exemplo, o criado para Mme Pompadour ao custo de 800.000 libras (cêrca de 120.000 francos hoje), ou o famoso servi-

narquia, a fábrica, de propriedade do govêrno, representa a França: dois terços das 8.000 a 10.000 peças produzidas anualmente pela fábrica são adquiridos para uso do Estado. O Palácio Elysée têm três aparelhos e jantares de cerimônia



*“A refeição da Sultana”,
quadro em porcelana
de Sèvres—século XVIII.
National Museum of Ceramics*

ço “Quartiers Généraux” de Napoleão, decorado com cenas de seus triunfos, que o acompanhava em tôdas as campanhas.

Hoje, como nos tempos da mo-

nas embaixadas francesas no exterior são servidos em louça de Sèvres. A porcelana de Sèvres é frequentemente oferecida como presente por funcionários do govêrno e pode oscilar em importância de um modesto vaso presenteado a um clube de esportes local ao serviço de 72 peças dado à Princesa Marga-

rethe da Dinamarca por ocasião de seu casamento com o francês Henri de Montpezat.

Básicamente apenas uma argila conhecida como caulim, cozida e impermeabilizada por meio de um vidrado, a porcelana foi inventada

nam de se contentar com um substituto da louça verdadeira. Então, em 1769, foi descoberto caulim perto de Limoges. A lenda popular atribui a descoberta a uma Madame Darnet, mulher do cirurgião da aldeia, que ficou tão satisfeita com o



pelos chineses no século VII. Mas quase 1.000 anos se passaram antes que a Europa pudesse penetrar seu segredo. Por volta de 1710 uma fábrica começou a produzir verdadeira porcelana de caulim em Meissen, Alemanha—e a Europa ficou louca por ela. Quando Sèvres foi fundada, os ceramistas franceses ti-

Bar desenhado e executado pelo escultor Lalannes. "Avestruzes"

barro branco modelável que encontrou para usar como sabão de roupa, que contou o fato ao marido. Ele, por sua vez, contou aos químicos do rei. Três anos depois Luís XV

pôde mandar porcelana de Sèvres como presente... ao Imperador da China.

Instalado hoje num edifício grande construído por Napoleão III às margens do Sena, em Sèvres, o artesanato da fábrica permaneceu inalterado. Além dos fornos alimentados a propano, ali existe pouca maquinaria moderna. Numa época em que outros fabricantes de porcelana compram ingredientes prontos, Sèvres pulveriza os seus em seu próprio moinho, como sempre fez. O quartzo, necessário para o processo de vitrificação, é escolhido pessoalmente por Antoine d'Albis, na pedreira de Saint-Paul-la-Roche em Thivier, perto de Limoges. As tintas e o dourado são também misturados na fábrica.

Conheci o torneiro-chefe Jean Allamel no estúdio de modelagem e vi-o modelar um vaso bojudo de gargalo alto de uma forma tósca, já sêca. Com ferramentas desenhadas por êle, torneou lentamente o molde até à forma desejada, até que a argila se tornou uma casca fina, o chamado "corpo" do objeto; a finura do corpo é que dá ao vaso sua elegância.

Para cozer peças muito grandes ou complexas, os forneiros de Sèvres—uma ou duas vêzes por ano—usam fornos de um século de idade, alimentados a lenha, cada um dêles com dois andares de altura. Cozer a lenha leva 32 horas de atenção constante. Durante a longa noite de vigília, a tur-

ma do forno sempre dá uma festa para a qual são convidados todos os artesãos da fábrica.

Fiéis à sua tradição de perfeição, os especialistas de Sèvres são dedicados ao trabalho. Quando um torneiro ou moldador termina uma peça, continua interessado nela até ser acabada. Jacques Duplan, que trabalha em modelagem, nunca perde uma operação de esvaziamento de forno. "Êste é o momento da verdade", diz êle. "Meu coração sempre bate mais forte quando um vaso em que trabalhei meses é retirado do forno."

O preço de uma peça de Sèvres é determinado pelo tempo necessário à sua produção... e o tempo, nesse caso, não tem importância. Em uma de minhas visitas à seção de decoração, vi um vaso cujas côres maravilhosas e guirlandas de flôres pintadas à mão me convenceram de que eu estava vendo uma obra-prima do passado. Então André Plantard, encarregado da decoração, explicou que na verdade êle era uma cópia de um original criado há quase um século e meio. Foram necessárias 827 horas de um artesão moderno para reproduzir a decoração suntuosa.

Para ajudar seus artistas a criar desenhos baseados em padrões do passado, Sèvres mantém uma grande biblioteca sôbre a história da porcelana, uma coleção inapreciável de quadros de flôres dos séculos XVIII e XIX e um arquivo de desenhos antigos que remontam aos

primeiros dias da fábrica. Num armazém suficientemente vasto para abrigar um avião a jato são guardados cêrca de 7.000 modelos e 80.000 moldes de criações do passado, muitos de 200 anos. Um dos objetos expostos mais impressionantes é um centro de mesa de quatro metros de comprimento, composto de réplicas de monumentos egípcios em escala, modelo de um presente de Napoleão Bonaparte ao Czar Alexandre I da Rússia.

Mas atrás das paredes monásticas de Sèvres, um nôvo espírito se agita: a “velha senhora” das margens do Sena está sendo cuidada, mas firmemente rejuvenescida. Sob a orientação de Serge Gauthier, artistas modernos de primeira linha como Etienne Hajdu, Zao Wou-ki, Alexander Calder, Jean Arp, o gravador brasileiro Arthur Luiz Piza e Jean Louttre têm levado formas e desenhos novos para a oficina. Um dos exemplos mais retumbantes é sem dúvida alguma o triunfo conseguido por Georges Mathieu. Os pratos que êle desenhou para o pavilhão francês da Exposição de Montreal, em 1967, foram recebidos tão entusiasticamente, tanto artística como comercialmente, que foi convidado por Gauthier para a exposição de Osaca.

Mathieu foi também convidado por Gauthier a modificar a renomada marca registrada de Sèvres: dois “L” de cabeça para cima na forma de um “A”, estampada em tôdas as peças. Êle fêz mais de

30 esboços para conseguir um desenho que o satisfizesse.

“Estamos palmilhando muito cautelosamente a estrada do progresso”, disse-me d’Albis. “Entretanto, estamos interessados apenas na espécie de modernização que possa melhorar a qualidade.”

Vendas aumentadas—elas triplicaram nos últimos cinco anos—indicam que a combinação do artesanato tradicional e desenhos modernos está começando a obter nôvo prestígio e novos fregueses para Sèvres. Os museus de Pittsburgh e Quioto adquiriram recentemente peças de porcelana de Arp e Hajdu; e, mais importante, trabalhos modernos de Sèvres hoje decoram lares desde Teerã a Los Angeles.

A tendência moderna reflete-se também no gôsto dos altos funcionários franceses. O Presidente Pompidou, que é colecionador de arte moderna, ficou tão impressionado no tempo em que era Primeiro-Ministro com uma audaciosa barra de metal sustentada por dois avestruzes de porcelana em tamanho natural, feitos em Sèvres pelos escultores Claude e François-Xavier Lalannes, que insistiu em colocá-la na sala de jantar do Hôtel Matignon.

Hoje, depois de dois séculos de funcionamento, as obras de porcelana tornaram-se uma herança inestimável e parte integrante da vida da França atual, pois restituíram uma tradição venerável de artesanato ao seu lugar devido como fôrça cultural viva e jovem.